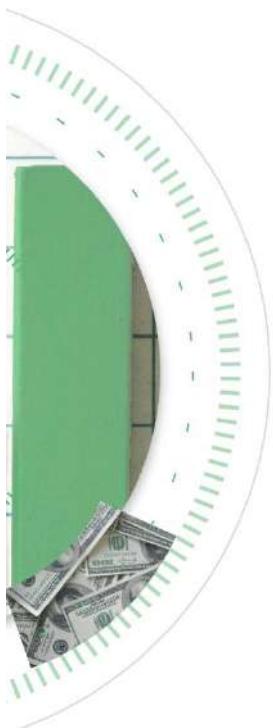


# Comportamento Semanal de Mercado

2 a 9 de agosto



## Refluxo no pessimismo



Após um início de semana com forte volatilidade provocada pelo recrudescimento dos receios com uma eventual recessão nos EUA, forte valorização do iene e piora da crise no Oriente Médio, o período se encerrou com um viés mais positivo e, no caso brasileiro, com fortes ganhos para os mercados acionário e cambial. Esse refluxo no pessimismo somou-se à perspectiva de um maior diferencial entre o juro doméstico e internacional, com a conjugação da Selic no nível atual por um tempo mais prolongado e o início da flexibilização monetária nos EUA, levando à apreciação de 3,83% do real ante o dólar.

Adicionalmente, o Comitê de Política Monetária (Copom) elevou o tom na Ata, assinalando que não hesitaria, se necessário, em elevar a taxa básica de juros para assegurar a convergência da inflação à meta. Dentre os elementos que justificariam essa postura, enumerou o nível da atividade e o mercado de trabalho mais aquecidos do que se esperavam. Reiterou as suas preocupações com o comportamento dos gastos públicos e a sustentabilidade do arcabouço fiscal e seus impactos relevantes na precificação de ativos, depreciação cambial e na ampliação da desancoragem das expectativas.

Traçando uma deterioração no cenário benigno da inflação corrente, o IPCA de julho subiu acima do previsto, elevando a taxa para 4,50% a.a., no teto da meta. Ademais, mostrou uma piora nos dados qualitativos, inclusive nas principais métricas subjacentes e medidas de núcleos do Banco Central (BC). Com os primeiros impactos altista da depreciação cambial, o IGP-DI subiu 0,83% em julho, para 4,16% a.a..

No Boletim Focus, a mediana das projeções para o IPCA de 2025 reduziu-se na semana de 3,98% para 3,97%. Contemplando a manutenção do atual patamar da Selic até junho de 2025, o ciclo de cortes retomaria apenas em julho, com a taxa encerrando o ano em 9,75% a.a. (9,50% há 4 semanas).

Neste cenário, houve um aumento nos prêmios nos vértices curtos e intermediários no mercado futuro de juros. A taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,30 p.p. na semana, para 7,37% a.a., adentrando-se ainda mais em território contracionista, considerando a taxa neutra de 4,75% estimada pelo BC.

No que tange à expectativa de política monetária nos EUA, com a dissipação dos temores de recessão, que havia levado à precificação de 92,5% de chance de corte de -0,50 p.p. para a reunião de setembro, houve um realinhamento de expectativas, em função de bons números no setor de serviços e de pedidos por seguro-desemprego, com o mercado voltando a dividir as apostas entre um corte de -0,25 p.p. e -0,50 p.p..

Para a semana que se adentra, a divulgação de indicadores de inflação e atividade nos EUA ajudará a moldar as expectativas sobre o cronograma para o ciclo de relaxamento monetário. As atenções se voltam para a inflação ao consumidor, vendas no varejo e produção industrial de julho nos EUA, além de PIB e produção industrial na Zona do Euro e vendas no varejo e indústria na China. Domesticamente, ênfase nos números de serviços, comércio, IBC-Br e monitor do PIB, todos de junho, e o IGP-10 de agosto.

## Expectativas

Respondendo ao resultado do IPCA de julho pior do que o esperado, a mediana das projeções para 2024, no Boletim Focus, se elevou na semana de 4,12% para 4,20% (4,00% há 4 semanas). No curto prazo, com o retorno da bandeira tarifária verde nas contas de energia elétrica, a mediana das previsões para agosto passou de 0,11% para 0,10%, para setembro de 0,21% para 0,22% e para outubro permaneceu em 0,30%.

A estimativa da mediana do IPCA para 2025 variou de 3,98% para 3,97% (3,90% há 4 semanas), enquanto para 2026 e 2027 continuou por mais de 4 semanas em 3,60% e 3,50%, respectivamente.

Com elevação nos prêmios de riscos de curto prazo na curva da inflação implícita, apurada com base nos preços das NTN-Bs, a taxa para o prazo de 1 ano acelerou de 4,56% para 4,70%. Por sua vez, para o prazo de 2 anos cedeu de 4,92% para 4,89% e de 3 anos de 5,15% para 5,03%.

Com o Copom sinalizando que na necessidade não hesitará em elevar a taxa de juros para assegurar a convergência da inflação à meta, o Focus passou a projetar novas quedas da Selic apenas em julho de 2025, ao invés de junho. As projeções para a Meta Selic mantiveram-se em 10,50% a.a. para o final de 2024 (10,50% a.a. há 4 semanas). Com 3 reduções de -0,25 p.p. ao longo do ano, a taxa para o final de 2025 seria de 9,75% a.a. (9,50% a.a. há 4 semanas). Com a extensão do ciclo, a Selic chegaria a 9,00% a.a. ao término de 2026, se mantendo nesse patamar até o final de 2027.

Mesmo com a melhora nos indicadores de alta frequência, as expectativas para a expansão do PIB acomodaram-se em 2,20% (2,11% há 4 semanas). Já para 2025, com a projeção de manutenção de juros restritivos por mais tempo, a estimativa continuou em 1,92% (1,97% há 4 semanas). No mesmo patamar por mais de 50 semanas, a projeção de avanço no PIB em 2026 e 2027 permaneceu em 2,00%.

No mercado de câmbio, apesar da volatilidade na semana, não houve modificações. A mediana das projeções para 2024 e 2025 permaneceu em R\$/US\$ 5,30 (R\$/US\$ 5,22 e R\$/US\$ 5,20, respectivamente, há 4 semanas). Já para os anos de 2026 e 2027 continuou em R\$/US\$ 5,25 (respectivamente em R\$/US\$ 5,20 e R\$/US\$ 5,21 há 4 semanas).

Na seara fiscal, em relação ao PIB, a projeção de déficit primário variou na semana de -0,70% para -0,69% (-0,70% há 4 semanas). Para 2025, permaneceu em -0,70% do PIB (-0,66% há 4 semanas) e para 2026 em -0,50% do PIB (-0,60% há 4 semanas). Já para 2027, oscilou de -0,30% para -0,31% do PIB (-0,50% há 4 semanas).

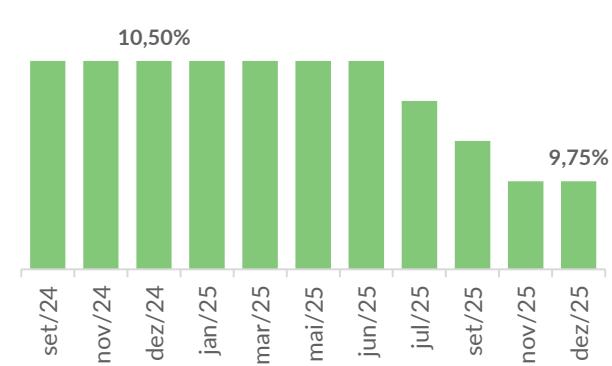
### IPCA

#### Mediana das expectativas (% a.a.)

Mediana - agregado			
	09/08/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
ago/24	0,10	0,11	0,11
set/24	0,22	0,21	0,19
out/24	0,30	0,30	0,29
2024	4,20	4,12	4,00
2025	3,97	3,98	3,90
2026	3,60	3,60	3,60

### Selic

#### Mediana das expectativas (% a.a.)



Fonte: Focus/BCB. Elaboração ABBC

## Economia Internacional

O índice de gerente de compras (PMI) de serviços dos EUA, medido pela S&P Global, recuou de 55,3 em junho para 55,0 em julho, contudo manteve-se bem acima de 50,0 que indica o território expansionista, o que favoreceu na mitigação do risco de formação de um possível processo recessivo. Ao mesmo tempo, a inflação de custos de insumos aumentou, porém o repasse para os preços de venda foi menor em função do crescimento da competitividade entre as empresas. Com comportamento semelhante, o PMI composto recuou de 54,8 em junho para 54,3. Calculado pelo ISM, o PMI composto elevou-se de 48,8 pts. em jun/24 para 51,4.

Abaixo de uma alta esperada de US\$ 10,0 bilhões indicada em levantamento da FactSet, o crédito ao consumidor nos EUA cresceu US\$ 8,9 bilhões em junho. Já a variação no crédito ao consumidor de maio foi revisada de um avanço de US\$ 11,4 bilhões para aumento de US\$ 14,0 bilhões.

Diminuindo em 17 mil na comparação com a semana anterior, os pedidos semanais por seguro-desemprego somaram 233 mil na semana finda em 3 de agosto. Ademais, o resultado ficou abaixo da estimativa de 240 mil solicitações. A média móvel de 4 semanas foi de 240,7 mil, com um aumento de 2,5 mil pedidos em relação à média revisada da semana anterior.

Na Zona do Euro, os dados do PMI indicam que a expansão do setor privado perdeu força. O indicador de serviços caiu a 51,9 pts. em julho, ante 52,8 em junho, o que representou o menor nível em 4 meses. O PMI composto, que engloba serviços e indústria, passou de 50,9 para 50,2.

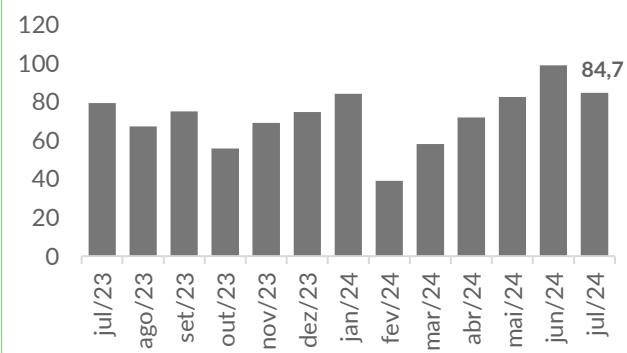
No mesmo sentido, as vendas no varejo da região caíram -0,3% em junho, em relação a mai/24, ante uma expectativa de alta de 0,2%. No mês, os gastos com alimentação e outros bens diminuíram, ao passo que as vendas de combustíveis aumentaram.

Ajudado por novos pedidos, o crescimento da atividade de serviços na China acelerou em julho. O PMI do Caixin/S&P Global passou de 51,2 em junho para 52,1, apontando expansão pelo 19º mês consecutivo. O número ficou acima da expectativa de levantamento da FactSet, que esperava leve alta para 51,3. Em contraste, o PMI oficial de serviços mostrou que o setor estagnou em julho em relação ao crescimento de jun/24, com as vendas no varejo, os serviços do mercado de capitais e os setores de serviços imobiliários encolhendo.

Contudo, o ímpeto da demanda externa diminuiu para o seu ritmo mais lento em 11 meses. Os dados da balança comercial chinesa emitem sinais preocupantes. Em termos anuais, as exportações expandiram-se no ritmo mais lento em 3 meses em julho, em 7,0% a.a., ficando abaixo das expectativas de uma elevação de 9,9% a.a. da FactSet e desacelerando ante o aumento de 8,6% a.a. em jun/24. Por sua vez, as importações reverteram a queda do mês anterior e cresceram 7,2% a.a., acima do consenso de alta de 3,5% a.a.. Com isso, o superávit comercial somou US\$ 84,7 bilhões, abaixo dos US\$ 99,0 bilhões em jun/24.

Ademais, persistem as preocupações com o fraco consumo e as pressões deflacionárias. Impulsionado pelas condições climáticas desfavoráveis e baixa base de comparação, o índice de preços ao consumidor (CPI) registrou alta anual de 0,5% a.a., acima da estimativa de 0,3% a.a. da Bloomberg. O núcleo do indicador aumentou 0,4% a.a., o menor desde janeiro, apontando que a demanda segue tímida. Por fim, os preços no atacado (PPI) mantiveram tendência deflacionária e recuaram -0,8% em julho.

### China - Saldo Comercial Em US\$ bilhões



Fonte: Bloomberg . Elaboração ABBC

## Aversão ao Risco

Após um início com forte volatilidade provocada pelo recrudescimento dos receios com uma eventual recessão nos EUA, forte valorização do iene e piora da crise no Oriente Médio, a semana encerrou com um viés mais positivo, com o mercado de ativos recuperando parte das perdas.

O alívio se deu, sobretudo, por dados mais fortes no setor de serviços norte-americano e de solicitações por seguro-desemprego mostrarem que a economia dos EUA ainda cresce de forma consistente.

Como desdobramento em relação aos números do *payroll*, o mercado financeiro chegou a atribuir no início da semana uma probabilidade de 92,5% de chance de corte de -0,50 p.p. na taxa básica de juros nos EUA na reunião de setembro. Com o realinhamento das expectativas, as apostas na ferramenta FedWatch da CME Group indicavam na sexta-feira (9/8) uma chance de 49,0% de redução de -0,25 p.p. e de 51,0% em um corte mais agressivo de -0,50 p.p..

No mercado de dívida, o rendimento dos *treasuries* voltou a subir na semana, se recuperando parcialmente da forte queda recente, com o dos *T-Notes* de 2 anos passando de 3,88% para 4,05%, o de 5 anos de 3,62% para 3,80%, o de 10 anos de 3,80% para 3,94% e o de 30 anos de 4,11% para 4,23%.

Nos mercados acionários dos EUA e Europa, verificaram-se leves reduções nas principais bolsas internacionais, com baixas de -0,04% no S&P 500, de -0,18% na Nasdaq, de -0,60% no Dow Jones, e de -0,08% no FTSE 100. A exceção ficou para o DAX 40, que encerrou com uma alta de 0,35%. Na Ásia, o índice Xangai recuou -1,48%, por preocupações com a economia chinesa. No Japão, após uma queda de -12,40% na segunda-feira, o Nikkei 225 cedeu -2,46% na semana.

Com o aumento das tensões geopolíticas, com a ampliação da guerra entre Rússia e Ucrânia, a dificuldade em alcançar um cessar-fogo na Faixa de Gaza e a crescente preocupação de um ataque do Irã sobre Israel, a cotação do petróleo tipo Brent subiu 3,71% na semana para US\$ 79,66. O preço da saca de soja na bolsa de Chicago cedeu -0,12%, enquanto o preço do minério de ferro na bolsa de Qingdao recuou -3,84%.

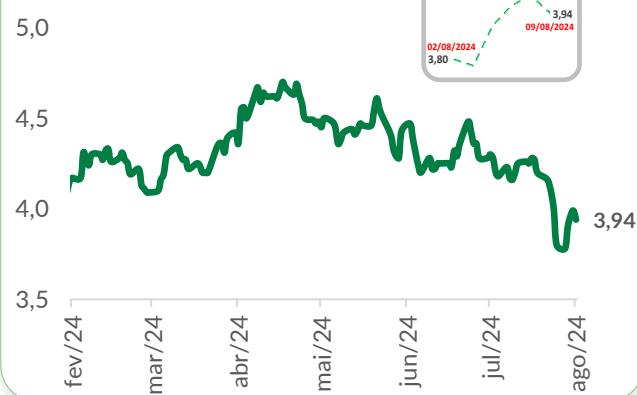
No ambiente doméstico, o Ibovespa voltou a superar a marca de 130 mil pts. e acumulou ganho de 3,78% na semana, puxado pela alta de ações no setor financeiro. O risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -5,37 bps., para 165,77 bps..

### Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
		09/08/2024	Semana	Mês
Bovespa	130.615	3,78%	2,76%	10,36%
Nasdaq	16.745	-0,18%	-9,14%	22,04%
S&P	5.344	-0,04%	-4,17%	19,59%
Dow Jones	39.498	-0,60%	0,52%	12,28%
FTSE 100	8.168	-0,08%	0,35%	7,21%
DAX 40	17.723	0,35%	-2,81%	10,79%
Nikkei 225	35.025	-2,46%	-15,77%	7,86%
Xangai	2.862	-1,48%	-3,28%	-12,06%

### T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

## Câmbio

Com os indicadores econômicos amenizando os temores de que a economia dos EUA esteja rumando para uma recessão, reverteu-se a trajetória de alta do dólar observada no início da semana. Nos próximos dias, a divulgação de indicadores de inflação nos EUA ajudará a moldar as expectativas sobre o cronograma para o ciclo de relaxamento monetário.

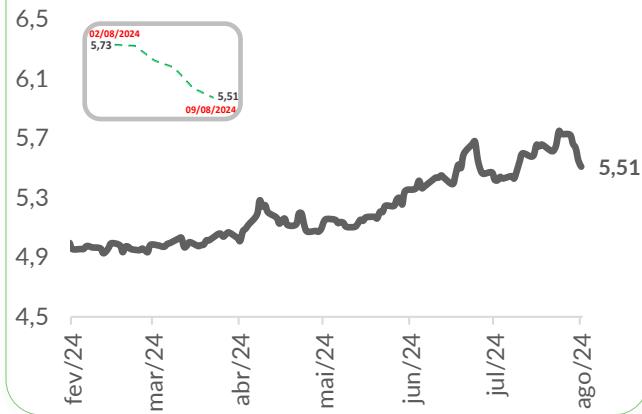
Após alcançar 103,21 pts. na quinta-feira (08/08), o *Dollar Index*, que mede o desempenho do dólar frente a uma cesta de 6 moedas de países desenvolvidos, registrou uma leve queda de -0,07% na semana, para 103,14 pts., refletindo as apreciações de 0,05% no euro e 1,03% no dólar canadense, além da depreciação de -0,31% na libra esterlina e de -0,05% no iene.

Em consonância, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar subiu 0,69% no período, com destaques para as apreciações de 1,81% no peso mexicano, de 1,55% no peso colombiano, além das depreciações de 3,82% no rublo russo, de 0,39% no rand sul-africano, de 0,37% no peso argentino e de 0,24% na rúpia indiana.

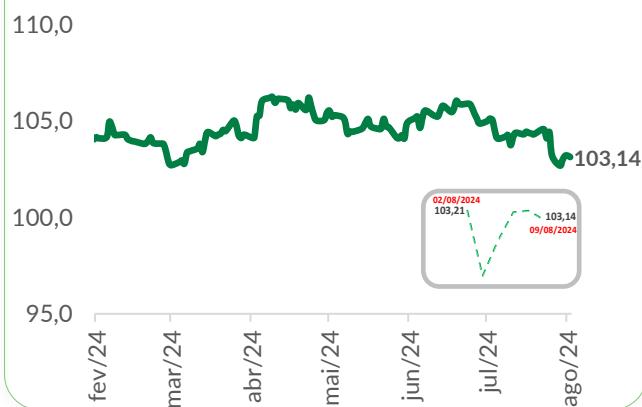
Favorecido pela melhora do apetite ao risco no exterior e em algum grau pela expectativa de um maior diferencial entre o juro doméstico e internacional, com a conjugação da Selic no nível atual por um tempo mais prolongado e o início da flexibilização monetária nos EUA, o real apresentou desempenho superior à média de seus pares emergentes, apreciando-se 3,83% na semana, com o dólar cotado a R\$ 5,51.

Entre os dias 29 de julho e 2 de agosto, o fluxo cambial ficou positivo em US\$ 1,34 bilhão, com a entrada de US\$ 3,42 bilhões na conta comercial e saída de US\$ 2,08 bilhões na financeira. Em julho, o fluxo cambial acumulou entrada líquida de US\$ 1,74 bilhão. A conta comercial foi responsável pelo ingresso de US\$ 5,04 bilhões, enquanto a financeira anotou saída de US\$ 3,30 bilhões no mês passado. Por fim, o BC manteve sua atuação com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/10/2024.

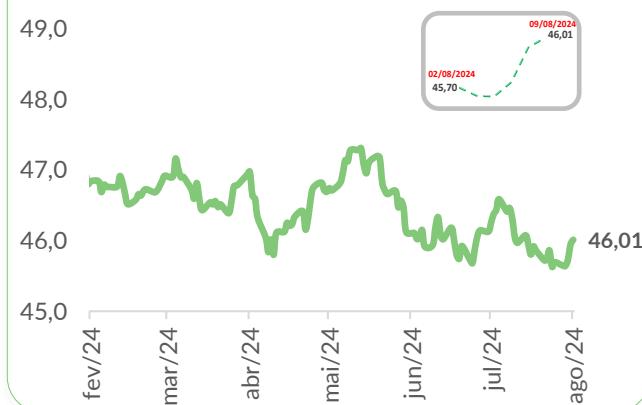
### Real/US\$



### Dólar Index\*



### Índice de Emergentes\*\*



\*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

\*\*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia Indiana e Dólar de Singapura.

## Copom - Jul/24

Em um tom mais duro do que o comunicado da reunião, o Copom em Ata reiterou o compromisso com a convergência à meta e o papel fundamental das expectativas na dinâmica inflacionária, ratificando que não hesitará em elevar a taxa de juros se julgar apropriado.

Em função das incertezas sobre os impactos e a extensão da flexibilização monetária nos EUA, o Copom continuou avaliando que o cenário externo se mantém adverso e a menor sincronia nos ciclos de queda dos juros nos países avançados adiciona volatilidade aos mercados. Adicionalmente, as indicações de ciclos mais cautelosos impactam na precificação dos ativos financeiros e no fluxo de capital, tornando o cenário mais desafiador para as economias emergentes.

No ambiente doméstico, o conjunto de indicadores de atividade como o do comércio, serviços e do mercado de trabalho, segue apresentando dinamismo maior do que o esperado. Em um contexto de hiato do produto próximo à neutralidade, o processo de convergência à meta torna-se mais desafiador. Acrescentando, nas divulgações recentes, o processo de desinflação do IPCA tem arrefecido e as medidas subjacentes mantiveram-se acima da meta.

O Copom voltou a reiterar que não há relação mecânica entre a condução da política monetária dos EUA e a determinação da taxa básica de juros no país e, como de forma usual, se manterá focado nos mecanismos de transmissão da conjuntura externa sobre a dinâmica inflacionária interna e seu impacto sobre o cenário prospectivo. O quadro de maior incerteza global e de movimentos cambiais mais abruptos exige maior cautela na condução da política monetária doméstica.

Por fim, o Copom manifestou a sua atenção aos efeitos do recente desenvolvimento da política fiscal na política monetária e nos preços dos ativos. A deterioração do sentimento dos agentes quanto aos gastos públicos e ao cumprimento do arcabouço fiscal vem impactando os preços dos ativos e as expectativas inflacionárias. Como de costume, reforçou a visão de que o esmorecimento no esforço de reformas estruturais e disciplina fiscal, o aumento de crédito direcionado e as incertezas sobre a estabilização da dívida pública têm o potencial de elevar a taxa de juros neutra, com impactos deletérios na potência da política monetária e, consequentemente, sobre o custo de desinflação em termos de atividade.

### Cenário Alternativo \*

	2024			2025		
	jun/24	Var	jul/24	jun/24	Var	jul/24
<b>Câmbio</b>	R\$ 5,30	↑	R\$ 5,55	R\$ 5,30	↑	R\$ 5,55
<b>Selic (% a.a.)</b>	10,50%	≡	10,50%	9,50%	↑	10,50%
<b>IPCA</b>	4,00%	↑	4,20%	3,10%	↑	3,40%

\* A taxa Selic é mantida constante ao longo do horizonte relevante, o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura pelos próximos seis meses e passa a aumentar 2% ao ano posteriormente. Além disso, adota-se a hipótese de bandeira tarifária "verde" em dezembro de 2024 e de 2025. O valor para o câmbio foi obtido pelo procedimento usual.

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

## Taxa de Juros

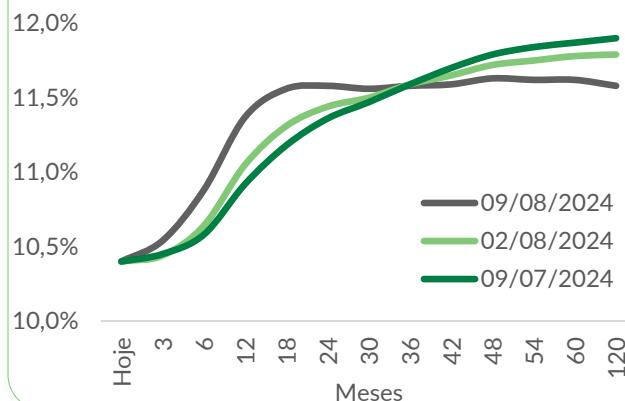
A combinação entre o maior apetite pelo risco no exterior, a reação à ata do Copom e o IPCA de julho acima dos esperados definiu a dinâmica do mercado de juros futuros. Na semana, os vértices curtos e os intermediários que compõem a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) elevaram-se, refletindo sobretudo a mensagem mais dura do Copom em relação à desancoragem da inflação e o compromisso com a meta. Já as de longo prazo cederam, acompanhando em maior grau o movimento dos Treasuries.

Ante o encerramento da semana anterior, a taxa de 6 meses elevou-se de 10,64% a.a. para 10,88% a.a., a de 1 ano de 11,05% a.a. para 11,37% a.a. e a de 2 anos de 11,44% a.a. para 11,58% a.a.. Por sua vez, a taxa de 3 anos cedeu de 11,59% a.a. para 11,58% a.a., a de 4 anos de 11,72% a.a. para 11,63%, a de 5 de 11,78% a.a. para 11,62% e a de 10 anos saiu de 11,79% a.a. para 11,58%.

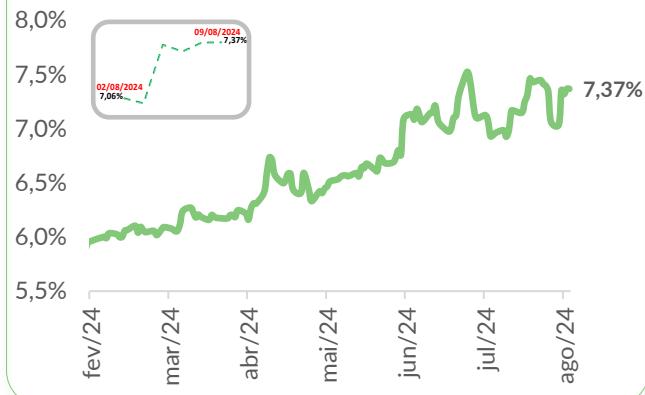
A ligeira alta de 0,01 p.p. da inflação esperada para os próximos 12 meses na semana, para 3,73%, conjuntamente com a elevação na taxa de juros do swap DI prefixado de 360 dias, levaram a taxa real de juros ex-ante para 7,37% a.a., com um avanço de 0,30 p.p. no período, colocando o indicador em patamar ainda mais contracionista quando comparado com os 4,75% a.a. considerado como neutro pelo BC.

Por fim, a inclinação da ETTJ calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, apresentou uma contração de -0,53 p.p. na semana para 0,21 p.p.. Em constância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, cedeu -0,55 p.p. no período, para 0,27 p.p..

### Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)



### Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



### Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

## IPCA- Jul/24

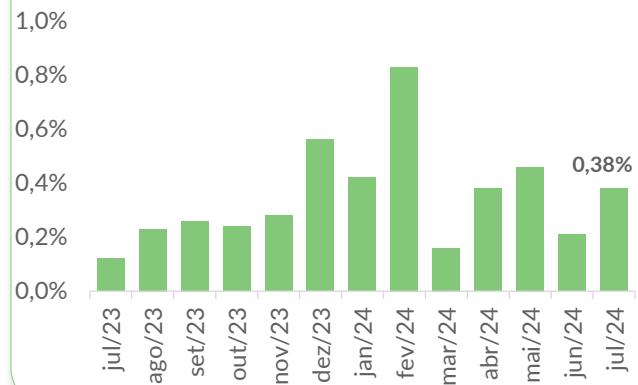
Acelerando em relação à alta de 0,21% em junho, o IPCA aumentou 0,38% em julho, superando as estimativas de 0,33% do Boletim Focus. Dessa forma, a variação anualizada avançou de 4,23% em junho para 4,50% (3,99% a.a. em jul/23), alcançando o teto da meta.

Houve alta mensal em 7 dos 9 grupos de produtos e serviços pesquisados. Impulsionado pelo acréscimo nos preços dos combustíveis (+3,31%), sobretudo gasolina (+3,15%) e etanol (+5,90%), e das passagens aéreas (+19,39%), o grupo Transportes exerceu o maior impacto no índice do mês, de +0,37 p.p., ao subir 1,82%. Com a aplicação de bandeira tarifária amarela nas contas de energia elétrica, Habitação contribuiu com +0,12 p.p. no índice, aumentando 0,77%. Por outro lado, com o incremento na oferta de diversos produtos agrícolas, sobretudo os in natura, a destacar tomate (-31,24%), cenoura (-27,43%), cebola (-8,97%), batata inglesa (-7,48%) e frutas (-2,84%), os preços no grupo Alimentação e Bebidas recuou -1,00% no mês, retirando -0,22 p.p. do IPCA. Enquanto a alimentação no domicílio caiu -1,51% no mês, a alimentação fora do domicílio variou 0,39%.

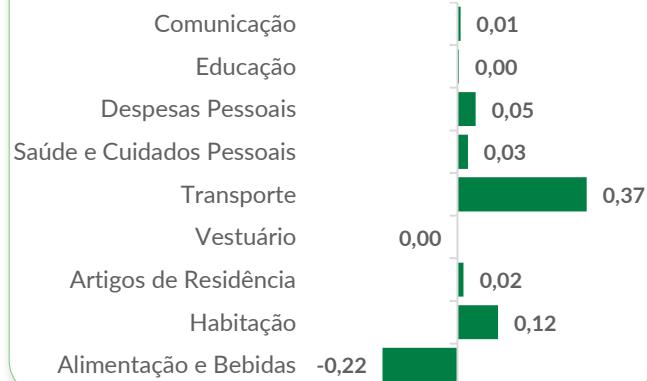
Dentre as medidas subjacentes, a inflação de serviços, objeto constante de preocupação, acelerou o seu crescimento de 4,45% a.a. em jun/24 para 4,91% a.a.. Possivelmente impactado pelo câmbio mais depreciado, os bens industriais aumentaram de 1,14% a.a. para 1,27% a.a.. Já a alimentação no domicílio saiu de 2,02% a.a. para 2,48% a.a..

Números mais desfavoráveis também foram observados na média das 5 medidas de núcleo acompanhadas pelo BC, com aumento de 3,58% a.a. em jun/24 para 3,83% a.a.. Os preços administrados passaram de 6,38% a.a. para 7,04% a.a. e os livres de 3,49% a.a. para 3,63% a.a.. Em consonância, a média móvel trimestral (MM3) anualizada da série dessazonalizada do indicador, apurada pela MCM Consultores, ampliou-se de 5,36% em junho para 6,84% (3,44% a.a. em jul/23). O comportamento dos principais indicadores quantitativos e qualitativos elevou as preocupações em relação à trajetória de convergência à meta de inflação de 3,0% no horizonte relevante para política monetária.

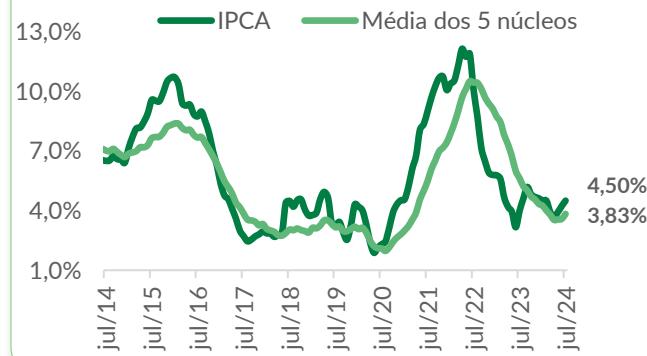
### Variação Mensal



### Contribuição Mensal Por grupo - em p.p.



### Variação Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

## IGP-DI - Jul/24

Após variar 0,50% em jun/24, o Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) acelerou em julho para uma alta de 0,83%, ficando acima da expectativa da Reuters, de 0,69% a.m.. Com isso, o indicador acumulou uma alta de 1,95% no ano e de 4,16% a.a. em 12 meses (-7,47% a.a. em jul/23).

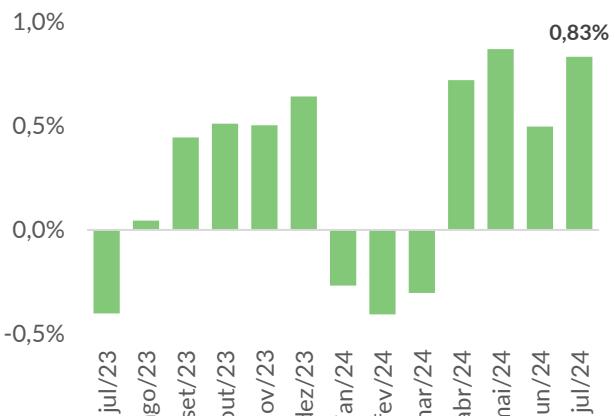
Impulsionado pelos impactos da forte depreciação cambial nos preços das commodities agrícolas e minerais, além da alta na gasolina, o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) cresceu 0,93% no mês (0,55% em jun/24).

Na análise por estágios de processamentos, Bens Finais variaram de 0,41% em jun/24 para -0,04%, Bens Intermediários de 0,45% em jun/24 para 1,29% e Matérias-Primas Brutas de 0,80% em jun/24 para 1,54%. Em 12 meses, o IPA acumulou uma alta de 4,10% (-11,47% a.a. em jul/23).

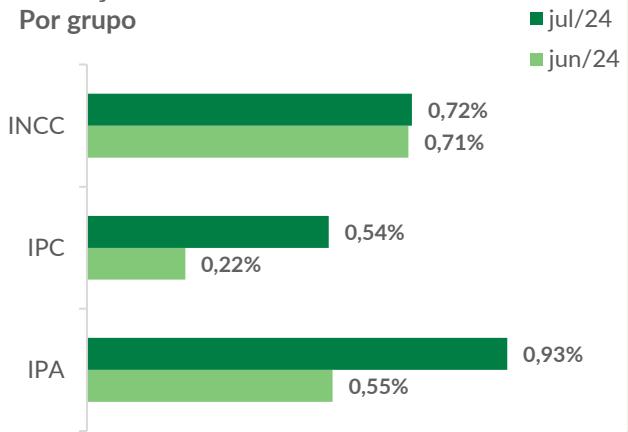
Em relação ao Índice de Preços ao Consumidor (IPC), houve uma alta de 0,54% em julho, ante 0,22% em jun/24, influenciada pela elevação nas tarifas de energia elétrica, após adoção da bandeira amarela em julho e o reajuste na gasolina. Das suas classes de despesas, 5 de 8 apontaram acréscimo no mês: Educação, Leitura e Recreação (-0,75% para 3,48%), Transportes (0,19% para 1,09%), Habitação (0,13% para 0,61%), Despesas Diversas (0,44% para 1,84%) e Comunicação (-0,08% para 0,11%). Em contrapartida, Alimentação (0,50% para -1,06%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,57% para -0,01%) e Vestuário (0,36% para -0,21%) registraram recuos, com deflações mensais. Desta forma, na comparação anual, o indicador acumulou uma alta de 4,12% (3,53% a.a. em jun/23).

Por fim, a taxa de variação mensal do Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) apontou uma relativa estabilidade frente ao mês anterior, passando de 0,71% para 0,72% em julho. Apesar da alta nos preços de materiais e equipamentos (0,38% para 0,71%) e serviços (0,20% para 0,71%), o resultado foi mitigado pelo custo da mão de obra (1,23% para 0,74%). Considerando-se a variação anual, o INCC fechou com uma alta de 4,67% em julho (3,15% a.a. em jul/23).

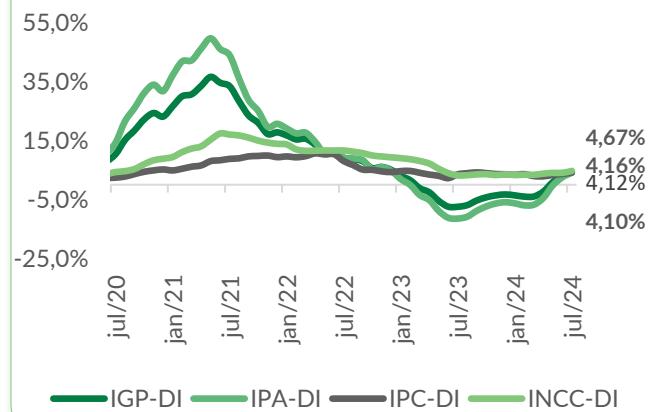
### Variação Mensal



### Variação Mensal



### Variação Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

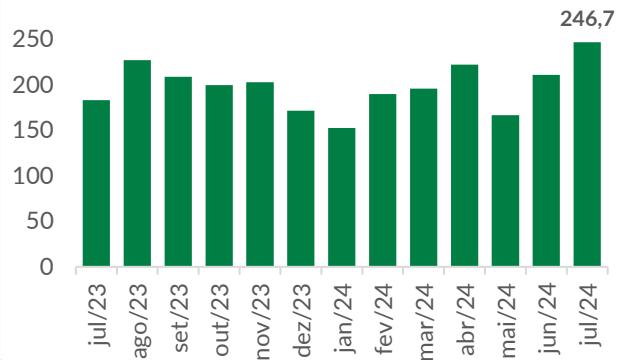
## Veículos - Jul/24

Segundo dados da Anfavea, foram produzidas 246,72 mil unidades de autoveículos em julho, representando uma alta mensal de 16,9% em relação a jun/24. Deste total, 182,99 mil eram automóveis (15,1% a.m.), 49,62 mil comerciais leves (33,5% a.m.), 2,20 mil ônibus (-16,8% a.m.) e 11,91 mil caminhões (-2,7% a.m.). Em relação à variação anual da produção acumulada em 12 meses, houve um crescimento de 0,9% a.a., sendo a 1<sup>a</sup> taxa positiva desde out/23 (-3,3% a.a. em jun/24 e 5,7% a.a. em jul/23). Na mesma base comparativa, o grupo automóveis apresentava uma redução de -1,5% a.a., ônibus de -2,8% a.a. e caminhões de -6,5% a.a. Por sua vez, na categoria comerciais leves houve uma alta de 15,0% a.a.

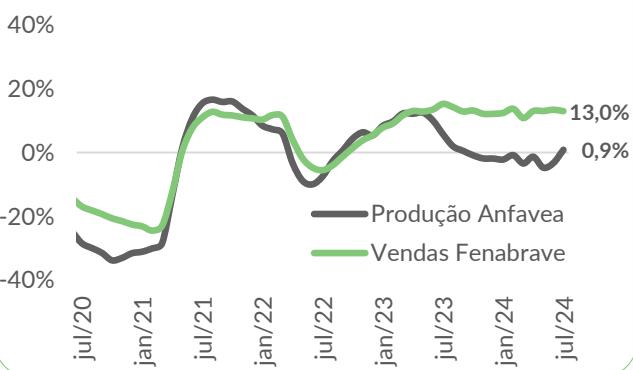
Em julho, foram exportados 39,09 mil autoveículos. A variação das exportações acumuladas em 12 meses indicava uma queda de -23,4% a.a., ante -27,2% a.a. observado em jun/24, mantendo o patamar negativo desde ago/23. Desta forma, a participação das exportações acumuladas em 12 meses, em relação ao total produzido, mostrou estabilidade em relação a jun/24, permanecendo em 14,5% (19,1% em jul/23).

Por fim, do lado das vendas, a Fenabrade reportou que as vendas no mercado interno varejista somaram 406,09 mil unidades de autoveículos, o que representou um alta de 4,7% na margem. Já a variação das vendas acumuladas em 12 meses apontou alta de 13,0% a.a., ante 13,4% em jun/24 e 15,3% em jul/23. Em relação aos autoveículos usados, foram vendidos no mês 1,46 milhão de unidades, levando as vendas acumuladas em 12 meses alcançar um crescimento de 7,4% a.a. ante 5,8% a.a. no mês anterior (-1,1% a.a. em jul/23).

### Produção Mensal Em mil unidades



### Variação Anual Acumulada em 12 meses



### Evolução Anual Exportações acumuladas em 12 meses



Fonte: Anfavea/Fenabrade.. Elaboração ABBC

## Balança Comercial – Jul/24

O saldo da balança comercial subiu de US\$ 6,71 bilhões em jun/24 para US\$ 7,64 bilhões em julho. O número decorreu de US\$ 30,92 bilhões em exportações, o que significou o maior montante para o mês desde o início da série histórica, enquanto as importações ficaram em US\$ 23,28 bilhões.

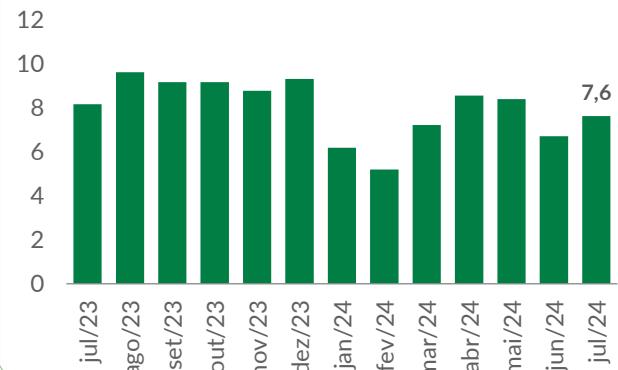
Entretanto, o superávit veio abaixo das expectativas do mercado, sinalizando uma tendência de enfraquecimento das exportações e fortalecimento das importações. Em relação ao mesmo mês de 2023, quando o saldo foi positivo em US\$ 8,18 bilhões, houve recuo de -6,6% a.a. No acumulado do ano, o saldo comercial recuou -5,39% em relação ao observado em igual período de 2023. Nessa mesma métrica, as importações cresceram 5,58%, enquanto as exportações avançaram apenas 2,58%.

Considerando-se o acumulado em 12 meses, o saldo da balança comercial apresentou alta de 28,58% a.a., atingindo US\$ 96,06 bilhões. Na mesma base comparativa, o total das exportações totalizou US\$ 344,70 bilhões, com uma alta de 3,28% a.a.. Já as importações foram de US\$ 248,64 bilhões, com uma queda de -4,02% a.a..

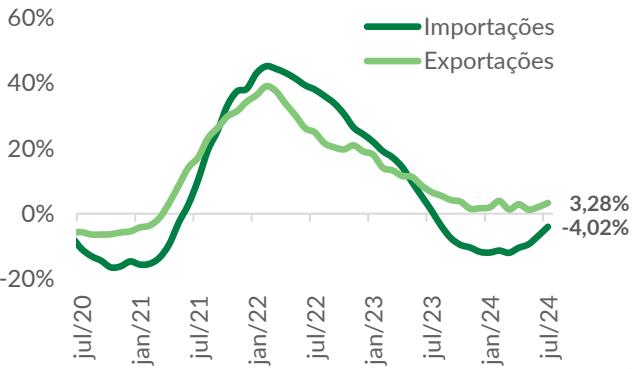
Em julho, o desempenho das exportações deu-se pelo crescimento de 11,5% nas vendas da indústria extrativa (US\$ 7,09 bilhões), de 8,9% da indústria de transformação (US\$ 16,45 bilhões) e de 8,3% da agropecuária (US\$ 7,23 bilhões). Já em relação a alta das importações no mês, as compras da agropecuária subiram 35,9% (US\$ 0,48 bilhão), da indústria da transformação em 16,8% (US\$ 21,22 bilhões), enquanto a da indústria extrativa caiu em -1,1% (US\$ 1,42 bilhões).

Por fim, considerando-se os principais parceiros comerciais no mês, a balança comercial com a China, Hong Kong e Macau apontou superávit de US\$ 4,65 bilhões e a corrente de comércio somou US\$ 15,87 bilhões (21,2% a.m.); o saldo com EUA foi de um déficit de US\$ -0,07 bilhão, com a corrente comercial totalizando US\$ 7,17 bilhões (11,3% a.m.); enquanto com a União Europeia a balança comercial apresentou um déficit de US\$ -0,04 bilhão e a corrente de comércio somou US\$ 8,38 bilhões (12,2 a.m.).

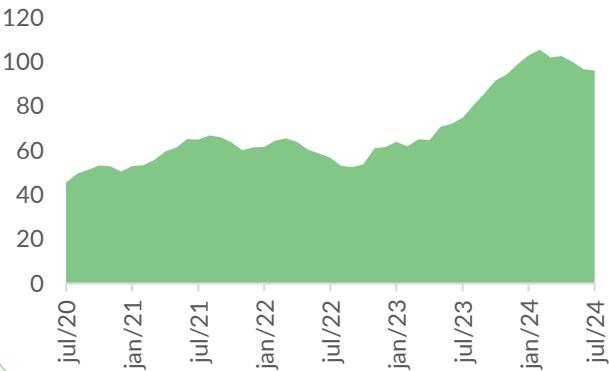
### Saldo Mensal Em US\$ bilhões



### Variação Anual Acumulado em 12 meses



### Saldo Acumulado em 12 meses - em US\$ bilhões



Fonte: MDIC.. Elaboração ABBC

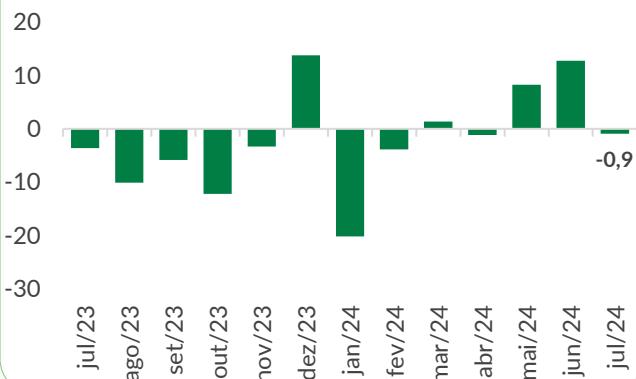
## Caderneta de Poupança – Jul/24

Após um ingresso de R\$ 12,76 bilhões em jun/24, houve uma retirada líquida de R\$ -908,62 milhões na caderneta de poupança em julho. Esse resultado decorreu do depósito de R\$ 370,31 bilhões e da retirada de R\$ 371,22 bilhões. O saldo final da caderneta de poupança atingiu R\$ 1,016 trilhão, com altas de 0,44% no mês e de 4,42% a.a..

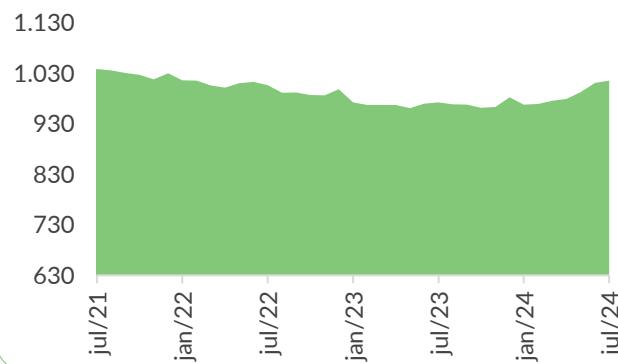
Considerando-se o saldo líquido acumulado no ano, a caderneta de poupança apontou uma saída líquida de R\$ -3,70 bilhões, montante bem abaixo do verificado no mesmo período de 2023, quando ocorreu uma saída de R\$ -70,22 bilhões. Esse montante foi resultado da retirada de R\$ -2,41 trilhões no período e do aporte de R\$ 2,40 trilhões.

Por fim, a remuneração da caderneta de poupança foi de 0,57% a.m. em julho (7,11% a.a.), representando uma redução em relação aos 0,54% a.m. em jun/24 (6,63% a.a.). Atualmente, o rendimento é composto pela Taxa Referencial (TR) mais uma taxa fixa mensal de 0,50%.

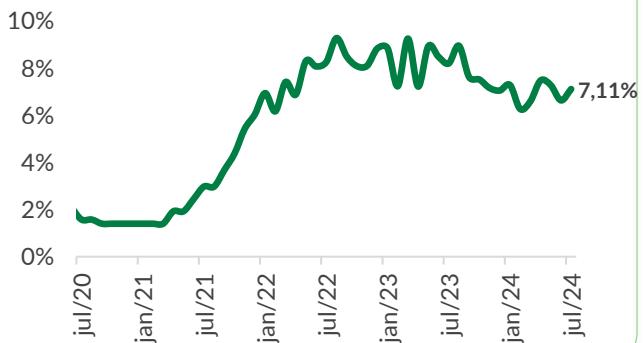
### Captação Líquida (SBPE + Rural – R\$ bilhões)



### Saldo da Poupança (SBPE + Rural – R\$ bilhões)



### Rendimento da Poupança (1º dia do mês – em % a.a.)



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

## Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
<b>Atividade, Inflação e Juros</b>										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	<b>2,1</b>
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	<b>10,1</b>
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	<b>6,9</b>
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	<b>4,2</b>
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	<b>3,4</b>
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	<b>10,50</b>
<b>Setor Externo e Câmbio</b>										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	<b>81,0</b>
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	<b>-39,9</b>
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	<b>70,0</b>
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	<b>5,30</b>
<b>Fiscal</b>										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	<b>-0,7</b>
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	<b>-7,2</b>
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	<b>64,0</b>
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	<b>78,0</b>



## **Diretoria de Economia, Regulação e Produtos**



abbc.org.br

assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -  
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688